

# ANÁLISE DE ALTERNATIVAS NO SEQUEIRO ALENTEJANO COM ESPECIAL ÊNFASE NA PRODUÇÃO OVINA \*

L. Bulhão Martins  
J. Castro Coelho  
Secção de Agricultura  
Instituto Superior de Agronomia  
Tapada da Ajuda  
1399 LISBOA CODEX

## RESUMO

Na conjuntura económica que se avizinha urge repensar os actuais sistemas de produção do sequeiro alentejano.

Neste trabalho analisam-se a produtividade e a eficiência de quatro alternativas (sistemas) de produção, que constituem outros níveis de intensificação da actividade produção de carne de ovinos

## ABSTRACT

Within the future economic constraints it is necessary to rethink the actual agricultural production system in the Alentejo's dry land farming region.

Within this framework the productivity and efficiency of four alternative production systems, wich constitute four different levels of intensity in the production of sheep, are analysed.

---

\* Comunicação apresentada na VII Reunião de Primavera da SPPF. Lisboa, Maio 1986.

## 1 — INTRODUÇÃO

Face à recente adesão de Portugal à CEE, com consequente alteração na política agrícola seguida até ao momento, torna-se necessário repensar os sistemas de produção mais representativos e avaliar alternativas para encontrar soluções que viabilizem a manutenção da actividade agrícola em zonas mais sensíveis.

De acordo com as mais recentes previsões, é de crer que os sistemas de produção do sequeiro alentejano, em que predomina a cultura dos cereais outono-invernais, venham a ser dos mais afectados, na sua rendibilidade e consequente viabilidade, pela baixa produtividade e menores preços que necessariamente decorrerão das respectivas políticas de harmonização. Como solução interessante aponta-se frequentemente a intensificação da produção de carne de ovinos.

Neste âmbito pareceu oportuno tentar desenvolver alternativas ao sistema tradicional alentejano. Assim, construiu-se uma série de quatro modelos que se analisarão sob uma perspectiva económica ao longo do período de transição por etapas.

## 2 — O SISTEMA E AS ALTERNATIVAS PROPOSTAS

Tendo como objectivo a avaliação económica das diferentes alternativas de uso da terra começa-se por definir uma exploração com 200 ha, dos quais 180 são superfície agrícola útil (SAU), assentes em solos de capacidade de uso agrícola com limitações (classe de capacidade de uso C).

O sistema de partida — alternativa A — coincide com o sistema tradicional baseado na cultura dos cereais e em que o girassol ocupa a melhor mancha de solos da folha de alqueive.

A alternativa B apresenta como única diferença, relativamente à anterior, a presença dum efectivo ovino que constitui uma actividade subsidiária da cultura de cereais, na medida em que, quer a sua alimentação quer o maneio, deles estão totalmente dependentes.

As alternativas A e B estão bem representadas em grande número de explorações da região, especialmente na actualidade, em que o escoamento dos cereais é garantido a bons preços.

As alternativas que se seguem foram desenvolvidas com o propósito de empolar a actividade produção de carne de ovinos, aumentando a dimensão do efectivo na alternativa C e criando uma exploração intensiva e altamente especializada, neste tipo de produção, na alternativa D, recorrendo em ambos os casos à cultura forrageira e pratenses e anulando a produção de cereais na última (fig. 1 e 2).

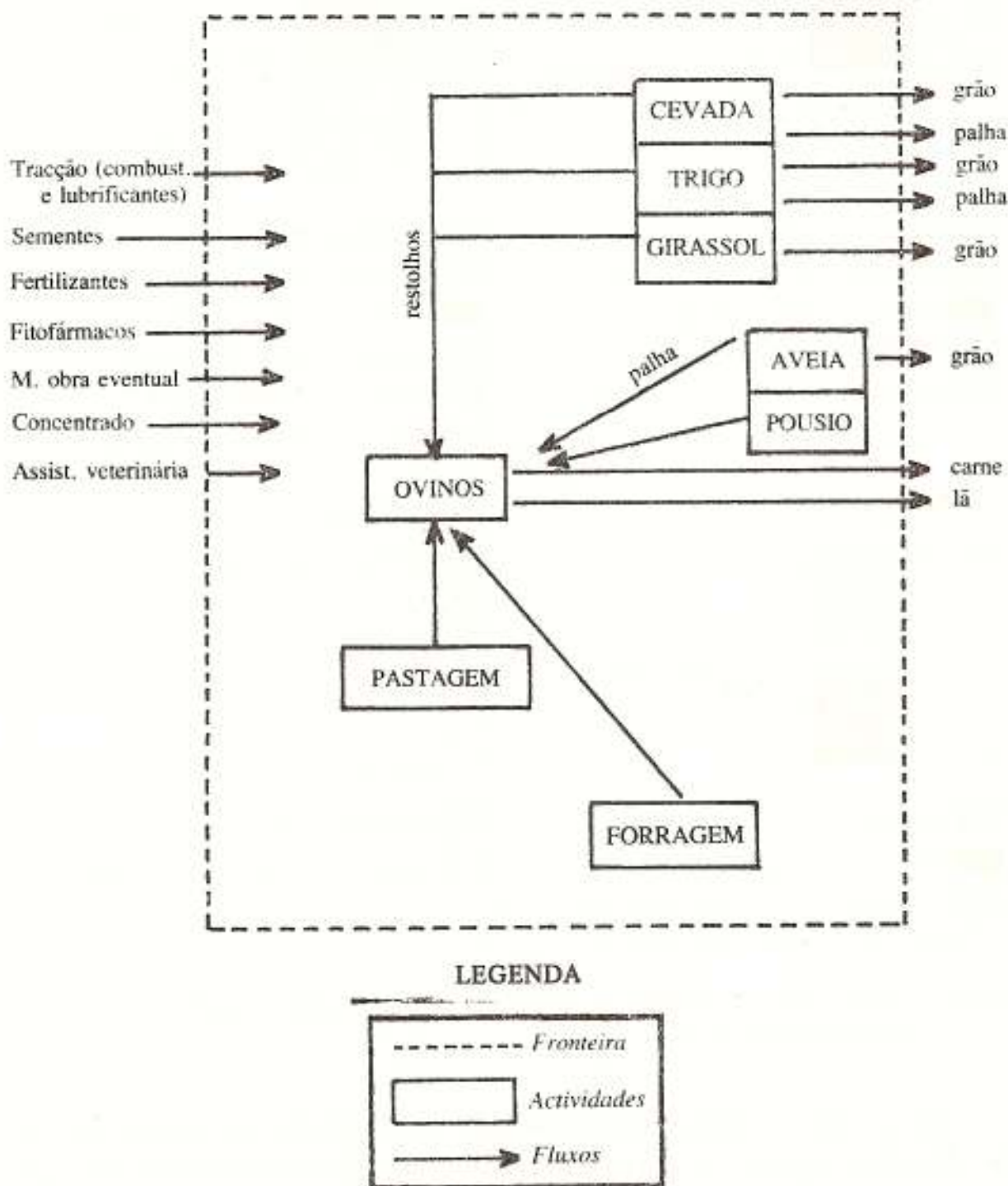


Fig. 1 — O sistema de agricultura em estudo (de acordo com a terminologia de Spedding) (6)

Estas alternativas correspondem a explorações com menor representatividade na região, embora, dado o fomento que têm tido nos últimos anos, já não sejam raras as situações em que ocorrem, especialmente no que diz respeito à alternativa C.

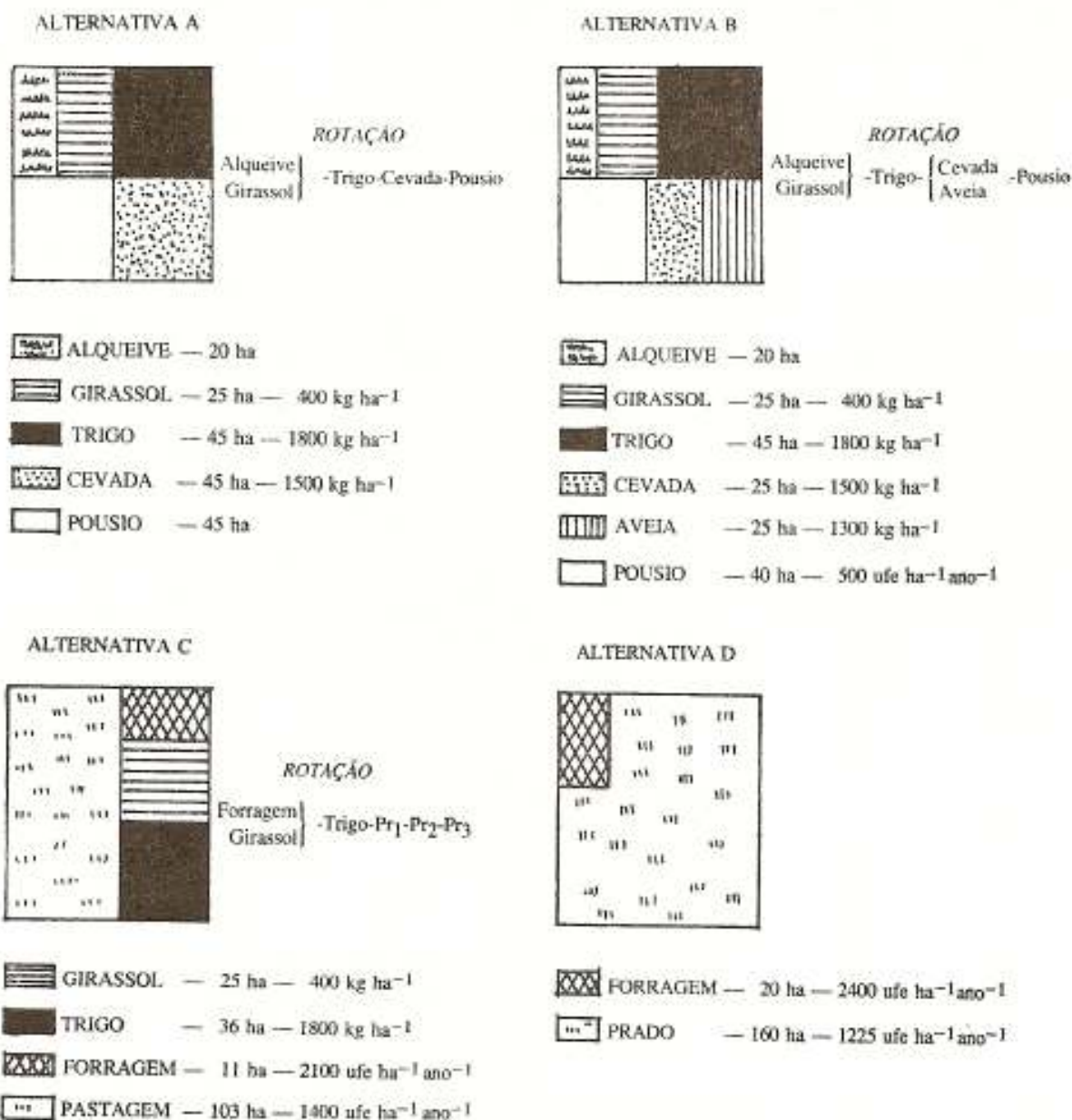


Fig. 2 — Alternativas. Repartição da superfície agrícola pelas culturas e respectivas produtividades (1, 5)

No quadro 1 descreve-se o aparelho de produção nas quatro formas de exploração assumidas, que, embora não seja utilizado na análise, uma vez que só se trabalha com custos variáveis, dá uma ideia da estrutura da exploração em cada uma das alternativas e dos respectivos encargos fixos que se podem considerar muito semelhantes.

QUADRO 1 — Caracterização da exploração nas diferentes alternativas

Alternativa	A	B	C	D
Mão-de-obra permanente (UHT)	2	2	2	3
Tracção (tractores 70 CV e equipamento respectivo)	2	2	1	1
Ceifeira-debulhadora	1	1	—	—
Armazém de feno e palhas	1	1	1	1
Ovil	—	1*	1*	1
Compartimentação da exploração através de cercados	—	—	Necessária	Necessária

\* Improvisado

No quadro 2 caracteriza-se a actividade produção de carne de ovinos, salientando-se o nível de especialização e de intensidade na alternativa D (sistema de três partos em dois anos) comparado com a situação B e C, que apenas diferem na dimensão da actividade mantendo o sistema de manejo tradicional. Surgem também diferenças ao nível das exigências alimentares, uma vez que o sistema por que se optou em D pressupõe ritmos de produção mais intensos em que, para cumprir os objectivos de produção, se torna necessário impedir grandes oscilações no peso vivo das ovelhas, mantendo-o sempre a níveis aceitáveis e recorrendo sistematicamente às práticas do «flushing» e do «steaming» (2, 4).

QUADRO 2 — Dimensão e caracterização da actividade ovinos nas diferentes alternativas

Alternativa	A	B	C	D
Dimensão upo	—	120	450	400
Produtividade por upo	—	0,8 borregos com 25 kg PV	0,8 borregos com 25 kg PV	1,4 borregos com 30 kg PV
Necessidades energéticas por upo	—	430 ufe	430 ufe	650 ufe
Concentrado/upo	—	26 ufe	30 ufe	129 ufe
Encabeçamento upo ha <sup>-1</sup> SAU	—	0,66	2,5	2,2

NOTA: Unidade produção ovina. Contempla a ovelha em produção com respectivo borrego até ao desmame e a sua quota parte do carneiro e do efectivo de substituição.

De notar que, embora o encabeçamento varie de 3,9 upo ha<sup>-1</sup> no caso C para 2,2 upo ha<sup>-1</sup> de superfície forrageira no caso D, o consumo de concentrado é consideravelmente superior na alternativa D, visto o ritmo de produção constante ao longo do ano se tornar mais desajustado da curva de produção da erva de características acentuadamente sazonais (3).

Pode verificar-se na fig. 3 a forma como se repartem as disponibilidades alimentares ao longo do ano em cada um dos sistemas.

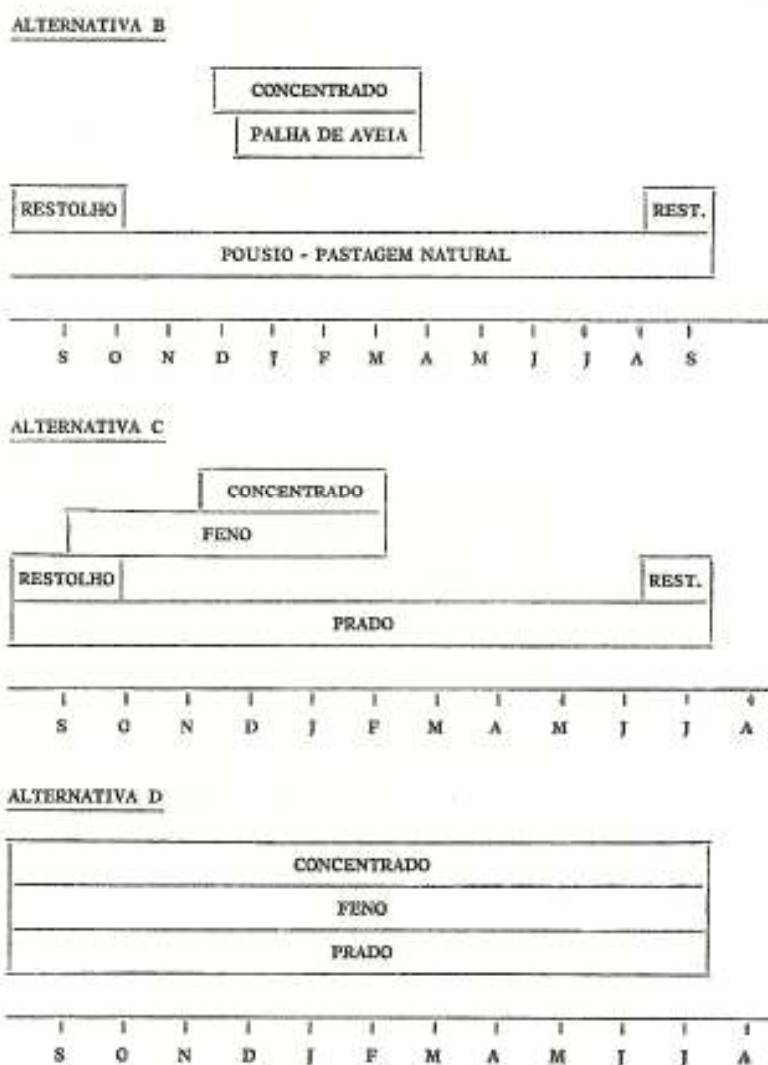


Fig. 3 — Calendários forrageiros nas diversas alternativas

### 3 — ANÁLISE ECONÓMICA

Para a obtenção dos dados de custos de factores e preço de produtos recorreu-se às seguintes fontes: RICA, SIMA, EPAC e IAPO. As produtividades foram obtidas a partir da média das explorações da RICA situadas num contexto com características semelhantes às do tipo de exploração que se elegeu (5).

A abordagem consiste num estudo comparativo de margens brutas em que se partiu dos seguintes pressupostos para a análise ao longo do período de transição:

- o preço dos factores de produção considera-se constante,
- o preço dos produtos varia de acordo com o processo de harmonização negociado entre Portugal e a CEE,
- consideram-se como taxas de crescimento nominal e real dos preços na CEE respectivamente 2 % e - 1,5 %,
- considera-se a taxa de câmbio verde diferente da taxa de mercado.

De acordo com estes pressupostos pode observar-se no quadro 3 a evolução prevista para a variação dos rendimentos brutos ao longo do período de transição nos anos agrícolas que constituem objecto da análise.

QUADRO 3 — Evolução prevista para a variação percentual dos rendimentos brutos das actividades ao longo do período estudado

Actividades	Anos			
	86/87	90/91	95/96	98/99
Trigo	100,0	83,2	65,9	60,6
Cevada	100,0	82,4	63,5	60,6
Aveia	100,0	83,2	65,9	60,6
Girassol	100,0	86,0	83,6	80,1
Ovinos	100,0	87,9	81,5	77,9

FONTE: Informação gentilmente cedida pelo Prof. F. Avilez.

De salientar que o rendimento bruto é negativamente afectado em todas as actividades, sendo o girassol aquela em que a variação é menor, constituindo a produção de cereais o grupo de actividades onde mais fortemente se faz sentir a redução dos preços (quadro 4).

No tocante aos encargos variáveis foram determinados por actividade, contemplando todas as categorias de factores e contabilizando-as a preços de mercado de 1986.

De notar que a técnica cultural se manteve constante para cada cultura, independentemente da alternativa, à excepção do trigo que, consoante é precedido por girassol, alqueive nú ou consociação forrageira, apresenta diferenças ao nível da mobilização do solo.

QUADRO 4 — Evolução previsível das margens brutas das actividades por hectare de SAU (1000 escudos)

Actividades	Anos			
	86/87	90/91	95/96	98/99
Trigo				
Alqueive	36,7	21,8	6,5	1,7
Trigo				
Girassol	38,6	23,7	8,3	3,6
Cevada	24,0	12,0	-0,8	-2,8
Girassol	13,8	9,4	8,6	7,5
Aveia	16,0	8,2	0,1	-2,4
Ovinos-B	1,9	1,3	1,1	1,0
Ovinos-C	2,8	0,8	-0,3	-0,8
Ovinos-D	7,9	4,4	2,6	1,5

Optou-se ainda por não considerar a possível influência do sistema de culturas na produtividade das culturas o que, embora discutível, pode constituir um dos erros em que este tipo de análise simplificada pode incorrer.

A margem bruta global de cada alternativa corresponde ao somatório das margens brutas das actividades (fig. 4).

De acordo com os resultados obtidos é a alternativa B que se assume como mais interessante a curto e médio prazo, pois, apesar de sofrer maior decréscimo do que a alternativa D na margem bruta global ao longo do período estudado, contém em si as duas actividades que menores decréscimos sofrem, na sua margem bruta, com a adopção integral da política de preços da Comunidade, respectivamente o girassol e os ovinos extensivos, de manutenção mais barata. Estas duas actividades têm nesta alternativa um efeito amortecedor da queda de preços dos cereais, que só adquire a sua maior expressão no triénio final, período em que a alternativa A passa a ocupar a 3.<sup>a</sup> posição relativa (quadros 5 e 6).

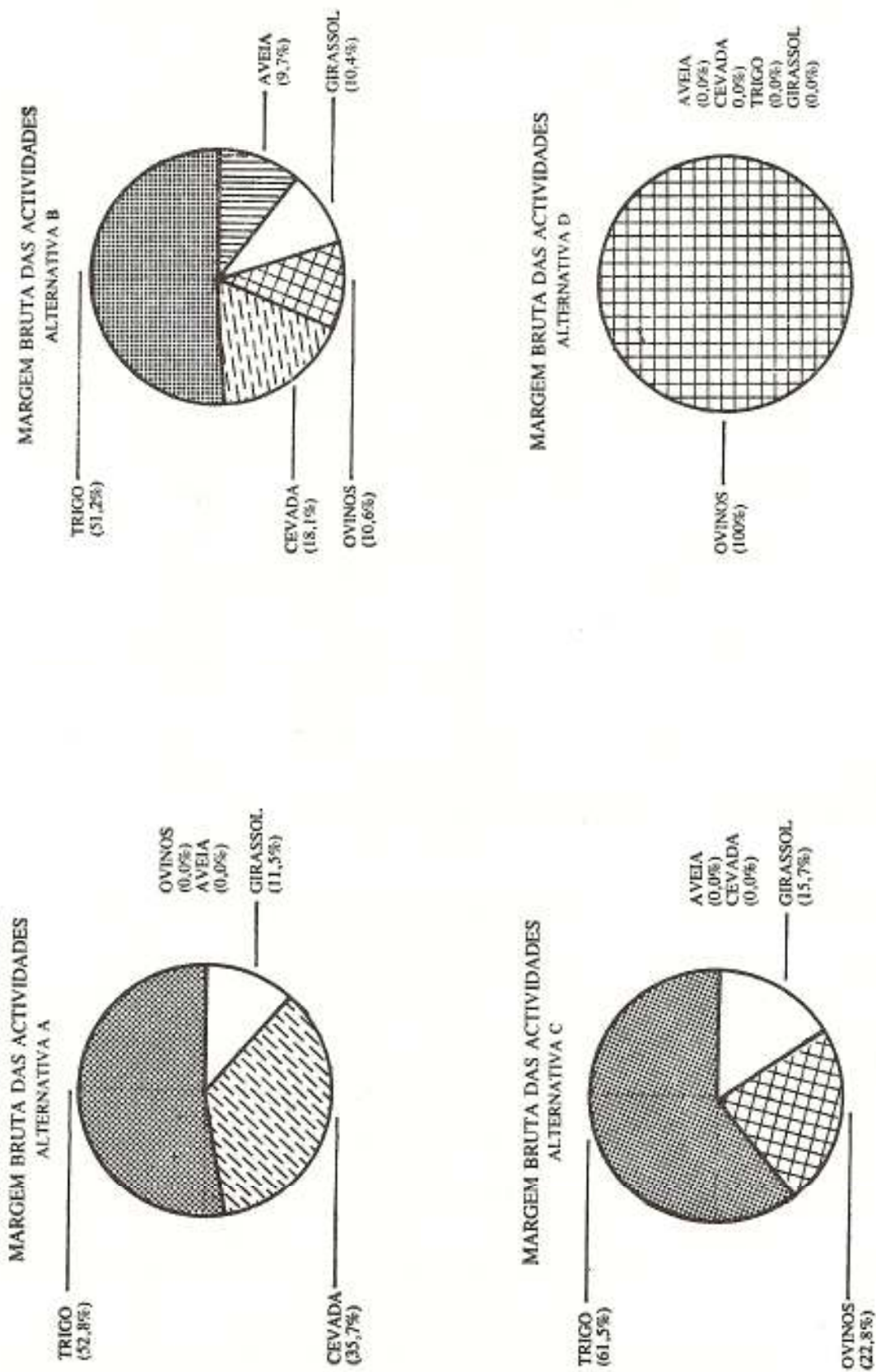


Fig. 4 — Margem bruta das actividades por alternativa em 1986/87

QUADRO 5 — Evolução dos resultados económicos nas diferentes alternativas

Ano	Alternativas		A	B	C	D
	Resultados					
1986/87	MB global		3 016,3	3 316,3	2 217,5	1 453,6
			91*	100*	67*	44*
	MB / ha SAU		16,76	18,42	12,32	8,07
	MB / UHT perm.		1 508,2	1 658,1	739,2	484,6
1990/91	MB global		1 802,4	1 979,8	1 212,5	814,6
			91*	100*	61*	41*
	MB / ha SAU		10,0	11,0	6,7	4,5
	MB / UHT perm.		901,2	989,9	404,2	271,5
1995/96	MB global		895,4	970,9	452,0	476,7
			92*	100*	46*	49*
	MB / ha SAU		5,0	5,4	2,5	2,7
	MB / UHT perm.		447,7	485,5	150,7	158,9
1998/99	MB global		185,1	367,5	148,7	286,6
			50*	100*	40*	78*
	MB / ha SAU		1,0	2,0	0,8	1,6
	MB / UHT perm.		92,5	183,8	49,6	95,5

\* Valor percentual da margem bruta global com base na actividade

QUADRO 6 — Taxa de variação da margem bruta global por alternativa (%)

Alternativa	Anos				Total do período
	86/87	90/91	95/96	98/99	
A	-40	-50	-79		-94
B	-40	-51	-62		-89
C	-45	-63	-67		-93
D	-44	-41	-40		-80

Outra conclusão importante resulta da situação relativa em que a alternativa C, talvez a mais recomendada sob o ponto de vista de utilização do solo, chega ao final do período de transição revelando-se como a menor

geradora de receita, o que se justifica tendo em conta o elevado custo de alimentação dos ovinos dado o curto período de tempo (3 anos) de utilização da pastagem temporária.

Em resumo, pode afirmar-se que este panorama sombrio, resultante duma análise simplificada e, apenas, da política de preços e factores, poderá ser significativamente melhorado se houver um aproveitamento efectivo dos benefícios que a política de estruturas poderá fornecer.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 — ABREU, J. M.; CALOURO, M. F.; SOARES, A. M. B. — *Tabelas de Valor Alimentar das Forragens Mediterrânicas Cultivadas em Portugal*. Lisboa, ISA, 1982.
- 2 — ABREU, J. M.; SOEIRO, J. — *Alimentação dos Ovinos*. Lisboa, ISA, 1977.
- 3 — CRESPO, D. G.; ANTUNES, J. N.; DIAS, J. M. — *Influência dos Encabeçamentos na Produção de Carne de Ovino e Lã em Prados de Sequeiro*. «Pastagens e Forragens», Elvas, vol. 1, 1981, p. 90-95.
- 4 — MUSLERA PARDO, E.; GARCIA, C. R. — *Praderas y Forrages*. Madrid, Ediciones Mundi-Prensa, 1984.
- 5 — RICA — *Margens Brutas Standard dos Produtos Agrícolas em Portugal*. Lisboa, MAP, 1985.
- 6 — SPEDDING, C. R. W. — *The Biology of Agricultural Systems*. London, Academic Press Inc., 1975.